

# Primeira homilia de Leão XIV - 09/05/2025

## HOMILIA DO SANTO PADRE

Missa com os Cardeais eleitores  
Capela Sistina, 9 de maio de 2025

### EM INGLÊS (PALAVRAS IMPROVISADAS)

Começarei com uma palavra em inglês, e o resto será em italiano.

Mas quero repetir as palavras do Salmo Responsorial: «Cantarei ao Senhor um cântico novo, porque Ele fez maravilhas».

E, de fato, não apenas comigo, mas com todos nós. Irmãos cardeais, enquanto celebramos esta manhã, convido-vos a refletir sobre as maravilhas que o Senhor realizou, as bênçãos que o Senhor continua derramando sobre todos nós através do ministério de Pedro.

Vós me chamastes a carregar essa cruz, e a ser abençoado com essa missão, e sei que posso contar com cada um de vós para caminhar comigo, enquanto prosseguimos como Igreja, como comunidade de amigos de Jesus, como crentes que anunciam a Boa Nova, que anunciam o Evangelho.

---

### EM ITALIANO (TRADUZIDO)

«Tu és o Messias, o Filho do Deus vivo» (Mt 16,16). Com estas palavras, Pedro, interrogado pelo Mestre junto com os outros discípulos sobre sua fé n'Ele, expressa em síntese o patrimônio que, há dois mil anos, a Igreja, por meio da sucessão apostólica, guarda, aprofunda e transmite.

Jesus é o Cristo, o Filho do Deus vivo, ou seja, o único Salvador e aquele que nos revela o rosto do Pai.

Nele, Deus, para se fazer próximo dos homens, se revelou a nós nos olhos confiantes de uma criança, na mente inquieta de um jovem, nos traços maduros de um homem (cf. Vaticano II, *Gaudium et Spes*, 22), até aparecer aos seus, após a ressurreição, com seu corpo glorioso. Assim nos mostrou um modelo de humanidade santa que todos podemos imitar, juntamente com a promessa de um destino eterno que, no entanto, ultrapassa todos os nossos limites e capacidades.

Pedro, em sua resposta, assume ambas as dimensões: o dom de Deus e o caminho a ser percorrido para se deixar transformar — dimensões inseparáveis da salvação, confiadas à Igreja para que as anuncie para o bem da humanidade. Ele as confia a nós, escolhidos por Ele antes

mesmo de formados no ventre materno (cf. Jr 1,5), regenerados nas águas do Batismo e, além de nossos limites e sem qualquer mérito próprio, conduzidos até aqui e enviados daqui, para que o Evangelho seja anunciado a toda criatura (cf. Mc 16,15).

De modo particular, ao me chamar, por meio do vosso voto, a suceder o primeiro dos Apóstolos, Deus me confia esse tesouro para que, com a sua ajuda, eu seja seu fiel administrador (cf. 1Cor 4,2) em favor de todo o Corpo místico da Igreja; para que esta seja cada vez mais a cidade posta sobre o monte (cf. Ap 21,10), a arca da salvação que navega pelas marés da história, farol que ilumina as noites do mundo. E isso não tanto pela magnificência de suas estruturas e grandeza de suas construções — como os monumentos em que nos encontramos —, mas sim pela santidade de seus membros, daquele «povo adquirido para anunciar as maravilhas daquele que os chamou das trevas à sua admirável luz» (1Pd 2,9).

Contudo, acima da conversa em que Pedro professa sua fé, há outra pergunta: «O que dizem os homens — pergunta Jesus — sobre o Filho do Homem? Quem dizem que Ele é?» (Mt 16,13). Não é uma questão banal, ao contrário, trata-se de um aspecto importante de nosso ministério: a realidade em que vivemos, com seus limites e potencialidades, suas interrogações e certezas.

Pensando na cena que estamos contemplando, podemos encontrar duas possíveis respostas a essa pergunta, que delineiam duas atitudes.

Primeiramente, está a resposta do mundo. Mateus nos diz que a conversa entre Jesus e os seus acontece na bela cidade de Cesareia de Filipe, rica em palácios luxuosos, em um cenário natural encantador, aos pés do Hermon, mas também sede de círculos cruéis de poder e palco de traições e infidelidades. Essa imagem nos fala de um mundo que considera Jesus uma figura de pouca importância, no máximo um personagem curioso que desperta admiração com seu modo inusitado de falar e agir. E assim, quando sua presença se torna incômoda pelas exigências de honestidade e moralidade, esse mundo não hesita em rejeitá-lo e eliminá-lo.

Há também outra possível resposta à pergunta de Jesus: a do povo simples. Para eles, o Nazareno não é um charlatão, mas um homem justo, valente, que fala com sabedoria e diz coisas corretas, como os grandes profetas da história de Israel. Por isso o seguem — ao menos até onde isso não implicar grandes riscos ou dificuldades. Mas o consideram apenas um homem, e por isso, no momento do perigo, durante a Paixão, também eles o abandonam e se vão, desiludidos.

Chama a atenção a atualidade dessas duas atitudes. Ambas expressam ideias que podemos encontrar facilmente — talvez com outra linguagem, mas idênticas em substância — nos lábios de muitos homens e mulheres de nosso tempo.

Hoje também há muitos contextos em que a fé cristã é vista como um absurdo, algo para os

fracos ou pouco inteligentes, contextos em que se preferem outras seguranças em vez das que ela propõe, como a tecnologia, o dinheiro, o sucesso, o poder ou o prazer.

Falamos de ambientes onde não é fácil testemunhar e anunciar o Evangelho, onde o crente é ridicularizado, dificultado, desprezado ou, no máximo, tolerado com compaixão. E, justamente por isso, são lugares onde a missão é mais urgente, pois a falta de fé muitas vezes traz consigo dramas como a perda do sentido da vida, o esquecimento da misericórdia, a violação da dignidade humana em suas formas mais dramáticas, a crise da família e tantas outras feridas que causam profundo sofrimento à nossa sociedade.

Também não faltam contextos onde Jesus, embora admirado como homem, é reduzido a uma espécie de líder carismático ou super-herói — e isso não só entre os não crentes, mas até mesmo entre muitos batizados, que assim vivem, nesse aspecto, um ateísmo prático.

Este é o mundo que nos foi confiado, e no qual, como tantas vezes ensinou o Papa Francisco, somos chamados a testemunhar com alegria a fé em Jesus Salvador. Por isso, também para nós é essencial repetir: «Tu és o Messias, o Filho do Deus vivo» (Mt 16,16).

É fundamental fazê-lo antes de tudo em nossa relação pessoal com Ele, no compromisso com um caminho de conversão diário. Mas também, como Igreja, vivendo juntos nossa pertença ao Senhor e levando a todos a Boa Nova (cf. Vaticano II, *Lumen gentium*, 1).

Digo isso, antes de tudo, por mim, como Sucessor de Pedro, enquanto inicio minha missão como Bispo da Igreja que está em Roma, chamada a presidir na caridade a Igreja universal, segundo a célebre expressão de Santo Inácio de Antioquia (cf. Carta aos Romanos, Prólogo). Ele, conduzido acorrentado até esta cidade, lugar de seu iminente martírio, escrevia aos cristãos que ali se encontravam: «Serei verdadeiramente discípulo de Cristo quando o mundo já não vir mais meu corpo» (Carta aos Romanos, IV,1). Referia-se a ser devorado pelas feras no circo — e assim aconteceu —, mas suas palavras evocam, num sentido mais amplo, um compromisso irrenunciável para qualquer um que exerça um ministério de autoridade na Igreja: desaparecer para que Cristo permaneça, diminuir para que Ele seja conhecido e glorificado (cf. Jo 3,30), gastar-se até o fim para que ninguém deixe de ter a oportunidade de conhecê-lo e amá-lo.

Que Deus me conceda esta graça, hoje e sempre, com a ajuda da terna intercessão de Maria, Mãe da Igreja.